

Chico Vigilante Guarda eleito pelo PT promete oposição ferrenha

José Rezende Jr.

“O Brasil nunca elegeu um candidato tão pobre”. O desabafo é do maranhense Chico Vigilante, 36 anos, deputado federal eleito pelo PT na condição de um dos mais combativos líderes sindicais de Brasília, que chega ao Congresso Nacional com uma dívida de campanha insólita: ele deve a um vizinho uma escada, que sua esposa Lindalva usava para colar cartazes de propaganda eleitoral. Uma noite, durante a campanha, com medo da Polícia, Lindalva fugiu às pressas largando para trás o balde, os cartazes do marido e a escada do vizinho.

A partir de março, o deputado federal Chico Vigilante receberá um salário de Cr\$ 600 mil (menos a contribuição de 30% para o PT). Hoje, o fundador e presidente do Sindicato dos Vigilantes e da CUT-DF ganha Cr\$ 24 mil, o equivalente a dois salários de vigilante e divide com a mulher e dois filhos uma casa modesta, numa rua sem calçamento, numa das mais pobres cidades-satélites de Brasília, Ceilândia.

Para chegar ao Congresso, ele fez uma campanha humilde: dividiu o aluguel do acanhado comitê com outros cinco candidatos, o telefone foi cedido por um amigo advogado e a campanha começou a ser feita a pé, as despesas com as gráficas foram rateadas entre amigos, entre eles o ex-reitor da Universidade de Brasília (UnB) Cristovam Buarque. Uma

campanha parecida com a vida do menino que aos sete anos de idade era lavrador no povoado de Palmeira, no Maranhão, e que mais tarde foi servente de pedreiro na construção da hidrelétrica de Tucuruí (PA). Desempregado, Francisco Domingos dos Santos chegou a Brasília em 1977 para, dois anos depois, transformar-se no Chico Vigilante, líder da primeira greve pós-64 na capital da República.

“O presidente Collor pode ter certeza: serei um dos mais ferrenhos críticos da sua política econômica”, avisa o sindicalista, que não pretende alterar seu padrão de vida: ele deve comprar um carro e continuar morando na Ceilândia. Aos 36 anos, muitas greves no seu currículo de sindicalista, Francisco Domingos dos Santos se elegeu deputado federal com o apoio de categorias como vigilantes, rodoviários, médicos, professores e, por incrível que pareça, até policiais militares.

“Um dia eu estava em campanha na rua e um grupo de PMs me abordou. Pensei que ia ser preso outra vez, mas eles queriam apenas dizer que iam votar em mim e pedir desculpas pelas vezes em que foram obrigados a me prender e bater. No fim, ainda pediram que eu os ajudasse a fundar um sindicato dos policiais militares”, lembra.

Se hoje ele comemora a conquista de uma cadeira na Câmara, na primeira eleição que disputou em Brasília, em 1986, Chico Vigilante teve cerca de 15 mil votos, mas perdeu a vaga pela soma da legenda. Amparado pela boa performance do PT no Distrito Federal, ele chega ao Congresso com as bandeiras da recuperação das perdas salariais e da reforma agrária.

